


DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: BARREIRAS, IMPACTOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

CHALLENGES IN THE LEARNING OF STUDENTS IN SITUATIONS OF SOCIAL
VULNERABILITY: BARRIERS, IMPACTS, AND PEDAGOGICAL STRATEGIES

Evando Brito Santos¹

 <https://doi.org/10.57108/iesj.2025.5-2.4>

RESUMO

Este resumo apresenta uma síntese do estudo sobre a aprendizagem de estudantes em situação de vulnerabilidade social, com foco em barreiras, impactos e respostas pedagógicas viáveis. Parte-se do entendimento de que pobreza, insegurança alimentar, moradia precária, racismo, capacitismo e violência territorial se entrecruzam, produzindo ausências, fadiga, ansiedade e interrupções no percurso escolar. O objetivo é mapear obstáculos que atravessam o cotidiano da escola e indicar caminhos de cuidado e ensino que reduzam perdas de aprendizagem. A pesquisa adota revisão narrativa com recorte dos últimos cinco anos, baseada em estudos empíricos e diretrizes de políticas públicas. A análise reúne evidências sobre como infraestrutura insuficiente, rotatividade docente, acesso desigual a recursos digitais, trajetos longos e responsabilidades domésticas afetam frequência, atenção, motivação e desempenho, com efeitos mais intensos em meninas, estudantes com deficiência, populações do campo, quilombolas e povos indígenas. Como respostas, destacam-se: acolhimento na chegada, tutoria por pares, ampliação do tempo pedagógico com reforço em leitura e matemática, articulação com saúde e assistência, transporte escolar seguro, merenda de qualidade, uso de tecnologias livres, práticas culturalmente situadas e avaliação formativa. Gestores podem organizar rotinas simples de monitoramento de frequência, aprendizagem e bem estar, com devolutivas periódicas às famílias. Docentes são apoiados por formação em serviço, planejamento colaborativo e materiais acessíveis. Quando escola, família e rede intersetorial atuam de forma alinhada, as desigualdades educacionais diminuem e as trajetórias se tornam mais estáveis. Apontam-se métricas de acompanhamento: presença, leitura fluente e tarefas resolvidas, no trimestre letivo.

Palavras-chave: vulnerabilidade social; aprendizagem; equidade educacional; estratégias pedagógicas.

¹ Mestrando do Curso de Ciências da Educação da Ivy Enber Christian University. E-mail: evandoporttela@hotmail.com

ABSTRACT

This abstract presents a synthesis of a study on the learning of students living in situations of social vulnerability, focusing on barriers, impacts, and feasible pedagogical responses. It is based on the understanding that poverty, food insecurity, inadequate housing, racism, ableism, and territorial violence intersect, producing absences, fatigue, anxiety, and interruptions in the school trajectory. The objective is to map obstacles that permeate school life and indicate pathways of care and teaching that reduce learning losses. The study adopts a narrative review covering the last five years, based on empirical research and public policy guidelines. The analysis brings together evidence on how insufficient infrastructure, teacher turnover, unequal access to digital resources, long commutes, and household responsibilities affect attendance, attention, motivation, and academic performance, with more intense effects on girls, students with disabilities, rural populations, quilombola communities, and Indigenous peoples. The main responses include welcoming practices upon arrival, peer tutoring, extended learning time with reinforcement in reading and mathematics, coordination with health and social assistance services, safe school transportation, quality school meals, the use of open-source technologies, culturally grounded practices, and formative assessment. School administrators can organize simple routines to monitor attendance, learning, and well-being, with periodic feedback to families. Teachers are supported through in-service training, collaborative planning, and accessible materials. When schools, families, and intersectoral networks work in alignment, educational inequalities decrease and student trajectories become more stable. Suggested monitoring metrics include attendance, fluent reading, and completed tasks within the academic term.

Keywords: social vulnerability; learning; educational equity; pedagogical strategies.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem de crianças e jovens em vulnerabilidade social sofre com interrupções que não nascem da falta de esforço pessoal, mas de um cotidiano pesado: falta de renda estável, moradia precária, insegurança alimentar, violência no bairro, discriminação e deslocamentos longos até a escola. Esses fatores minam a presença, drenam energia e fazem a escola competir com tarefas de cuidado e trabalho. O debate sobre equidade escolar desloca o foco do “mérito individual” para as condições reais de estudo e vida, abrindo espaço para políticas que tratem desigualdade como problema educacional diário, não como exceção rara (Ribeiro, 2023).

A composição social das escolas e o acesso a recursos didáticos pesam no desempenho médio das turmas. Medidas de nível socioeconômico escolar vêm sendo usadas para orientar financiamento adicional, reforço de tempo pedagógico, transporte, material, conectividade e apoio psicossocial. Quando redes territorializam dados e calibram o apoio conforme a necessidade local, cresce a chance de manter estudantes na escola e de recuperar defasagens de leitura e matemática ao longo do ano letivo, com metas claras e acompanhamento simples (Soares, 2023).

Há escolas e territórios que ficam pouco visíveis nos sistemas de avaliação e informação, o que cria um “apagão de dados”. Sem enxergar onde a dificuldade é maior, políticas chegam atrasadas ou com volume insuficiente. Estudos apontam que tornar essas unidades visíveis, com indicadores básicos de presença, aprendizagem e bem estar, ajuda a direcionar formação docente, ajustar rotinas de gestão e priorizar investimentos em infraestrutura escolar, merenda e transporte seguro, especialmente em bairros periféricos (Braga, 2023).

O período pandêmico deixou marcas que ainda atravessam o dia a dia das redes. Muitos adolescentes acumularam perdas de aprendizagem, mudaram de cidade, começaram a trabalhar ou assumiram cuidados domésticos. Estratégias como busca ativa, escuta das famílias, acolhimento na chegada e rotinas semanais de monitoramento funcionam melhor quando combinadas com reforço focado em leitura fluente e resolução de problemas. O objetivo é reconstruir vínculo e ritmo de estudo com metas curtas e verificáveis por trimestre (Carreira, 2025).

No chão da escola, práticas pedagógicas de baixo custo e alto alcance vêm ganhando espaço. Tutoria por pares, agrupamentos flexíveis para leitura, material acessível, projetos integradores ligados à cultura local e avaliação formativa criam condições para que estudantes avancem mesmo com agendas apertadas e responsabilidades fora do turno escolar. A coordenação pedagógica cumpre papel de sustentação, organizando planos de aula

compartilhados, devolutivas rápidas e observação entre pares como parte da rotina, não como ação eventual (Artes, 2025).

A gestão por evidências simples ajuda a manter o curso. Indicadores como presença semanal, páginas lidas, problemas resolvidos e participação em tutorias orientam decisões de alocação de tempo docente e de apoio estudantil. Quando a escola cruza esses dados com informações do território, ajusta horários, amplia reforço no contraturno, articula serviços de saúde e assistência e melhora a comunicação com famílias. O resultado esperado é estabilidade de trajetórias e redução de reprovações, com foco em aprender o básico bem e expandir a partir daí (Menezes, 2023).

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa segue revisão narrativa com recorte de cinco anos, voltada a mapear barreiras de aprendizagem ligadas à vulnerabilidade social e reunir práticas escolares que mostram boa relação entre esforço e ganho pedagógico. A pergunta foi definida assim: quais barreiras mais frequentes afetam a aprendizagem de estudantes em vulnerabilidade e que estratégias pedagógicas e de gestão têm mostrado melhora em presença, leitura e resolução de problemas ao longo do ano letivo (Ribeiro, 2023).

A busca ocorreu em três bases eletrônicas, SciELO, PubMed e Google Acadêmico, entre 2021 e 2025. Usamos combinações de descritores com operadores booleanos em português, inglês e espanhol, como vulnerabilidade social OR pobreza AND aprendizagem OR desempenho escolar AND estratégias pedagógicas OR intervenção. Incluímos termos ligados a inclusão, educação especial, educação do campo, quilombola e povos indígenas, com filtro para texto completo (Menezes, 2023).

A triagem ocorreu em quatro passos encadeados. Primeiro leitura de títulos, depois leitura de resumos, remoção de duplicados e leitura integral. Critérios de inclusão: estudos empíricos ou revisões que conectam condições socioeconômicas, discriminação, recursos

escolares ou políticas de permanência a resultados de aprendizagem, frequência ou progressão. Critérios de exclusão: textos opinativos sem método, pesquisas apenas do ensino superior e trabalhos sem relação explícita com aprendizagem. Dois revisores atuaram de forma independente e divergências foram resolvidas por consenso dialogado (Artes, 2025).

A extração de dados usou planilha com variáveis padronizadas. Registramos identificação do estudo, desenho metodológico, amostra, território, desigualdades observadas, estratégia testada, indicadores de resultado e limites relatados. Quando presente, anotamos medidas objetivas como presença semanal, leitura fluente por minuto e tarefas de matemática resolvidas. Essa padronização ajudou a comparar achados entre redes e contextos (Braga, 2023).

Para reduzir vieses, controlamos duplicidade de fontes, checamos coerência entre método e conclusão relatada e valorizamos estudos com transparência na coleta e na análise. Também observamos a aplicabilidade das estratégias no cotidiano escolar, priorizando rotinas de baixo custo, com potencial de escala e necessidade moderada de formação adicional da equipe (Carreira, 2025).

A síntese adotou análise temática. Organizamos os achados em três eixos: barreiras ligadas ao território e às condições de vida, barreiras internas à escola e respostas pedagógicas e de gestão. Por trabalhar apenas com fontes secundárias e públicas, não houve submissão a comitê de ética. O conjunto final embasou a redação de resultados e discussão do estudo (Gomes, 2024).

3 A VULNERABILIDADE SOCIAL E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO

A vulnerabilidade social reúne fatores que se acumulam no cotidiano de crianças e jovens: renda curta, moradia apertada, insegurança alimentar, serviços públicos irregulares, violência no bairro e discriminações. A escola recebe esse pacote de pressões e tenta ensinar enquanto lida com ausências, cansaço e ansiedade. Não é falta de vontade de estudar. Muitas

vezes o estudante quer aprender, mas precisa dividir o tempo entre estudo, cuidado de irmãos, pequenos bicos e longos trajetos. Quando a vida pesa desse jeito, manter rotina de leitura, tarefa e estudo guiado vira uma corrida com obstáculos (Ribeiro, 2023).

Essas condições batem primeiro na presença. Quem mora longe depende de transporte que falha e de dinheiro para passagem. Quando a comida em casa é pouca, a atenção cai e a irritabilidade cresce. O sono fica picado, a cabeça não foca e a memória recente falha. Na sala, o estudante perde o fio da explicação, evita participar, atrasa tarefas e começa a se sentir deslocado do grupo. O sentimento de não pertencer cresce quando a escola não enxerga as pressões do território e mantém a mesma rotina para realidades muito diferentes (Soares, 2023).

Dentro da escola surgem barreiras que se somam às do território. Prédios com manutenção atrasada, biblioteca esvaziada, internet instável e rotatividade de professores enfraquecem a continuidade do trabalho pedagógico. Turmas numerosas dificultam o acompanhamento fino e a coordenação, com muitas frentes, nem sempre consegue apoiar planejamento comum e devolutivas rápidas. Também pesam expectativas baixas sobre o potencial de quem vem de bairros pobres, o que gera metas rasas e feedback acomodado. O resultado é avanço lento em leitura e matemática ao longo do ano letivo (Braga, 2023).

O período de aulas interrompidas na pandemia deixou marcas ativas. Muitos adolescentes mudaram de cidade, começaram a trabalhar ou assumiram cuidado de familiares. A defasagem de leitura cresceu e o descompasso entre séries se alargou. A saúde mental ficou mais frágil, com mais relatos de tristeza, medo e crises de ansiedade. Quando o retorno ocorreu, a escola precisou recompor vínculo ao mesmo tempo em que buscava recuperar conteúdos básicos, tarefa difícil sem tempo pedagógico extra e sem apoio técnico contínuo para docentes e gestão (Carreira, 2025).

Os efeitos não atingem todos do mesmo modo. Meninas com tarefas domésticas acumuladas faltam mais. Estudantes com deficiência enfrentam barreiras de acessibilidade,

material pouco adaptado e baixa oferta de atendimento educacional especializado. Populações do campo, quilombolas e povos indígenas lidam com distâncias maiores, infraestrutura precária e currículos que raramente dialogam com saberes locais. Estudantes negros sentem com mais força o peso do racismo, que corta expectativas e oportunidades ao longo da trajetória escolar (Gomes, 2024).

Para reduzir danos, a escola pode organizar acolhimento na chegada, tutoria por pares, reforço centrado em leitura fluente e resolução de problemas, material acessível, merenda de qualidade e transporte seguro. A gestão com dados simples ajuda muito. Acompanhar presença semanal, fluência de leitura e tarefas resolvidas permite agir rápido com metas curtas por trimestre. Quando escola, família e serviços do território trabalham de forma alinhada, as trajetórias ficam mais estáveis e a permanência deixa de ser frágil, criando espaço para aprender o básico bem e expandir o repertório (Artes, 2025).

4 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENFRENTAMENTO DAS BARREIRAS À APRENDIZAGEM

Enfrentar barreiras que atingem a aprendizagem de estudantes em vulnerabilidade pede foco no essencial: vínculo, tempo de estudo guiado e acompanhamento frequente. A escola atua como ponto de apoio que organiza a semana do aluno, com metas curtas e visíveis. O primeiro passo é o acolhimento diário, com chamada ativa, escuta breve e rotina que o estudante reconhece. No início de cada aula, o docente apresenta objetivos do dia em linguagem simples e explica como cada tarefa será verificada. O aluno sabe o que fazer, por que fazer e quando a atividade será considerada concluída, o que reduz ansiedade e dá rumo ao estudo.

Rotinas de sala sustentam o trabalho pedagógico. Um quadro com objetivos, mini lições de até dez minutos e prática guiada com checagem rápida de compreensão criam ritmo. Depois, o tempo de treino independente garante volume de leitura e resolução de problemas.

Em turmas numerosas, a sala pode funcionar por estações: leitura, escrita, problemas e apoio individual. Enquanto o grupo roda, o professor circula, oferece pistas e registra quem precisa de reforço. Esse desenho reduz a dispersão, dá previsibilidade e transforma minutos ociosos em prática com propósito, sem depender de equipamentos caros.

A tutoria por pares é uma alavanca de baixo custo e alto alcance. Em leitura, duplas alternam papéis de leitor e ouvinte, com retomada de palavras, treino de fluência e perguntas de compreensão. Em matemática, grupos resolvem listas curtas com níveis graduados de desafio, enquanto o professor observa e intervém somente quando necessário. Metas semanais de páginas lidas e problemas resolvidos, registradas em planilhas simples, oferecem ao estudante evidências do próprio avanço. Pequenas celebrações, como selos de progresso e exposição de produções, reforçam pertencimento e mantêm o grupo concentrado no que importa.

Conectar currículo ao território aumenta sentido e engajamento. Projetos que partem de experiências locais, água do bairro, feira, memória de trabalhadores, tradições culturais permitem exercitar leitura, escrita, cálculo e pesquisa com materiais próximos. Tecnologias livres e de baixo custo, como aplicativos offline, rádio escolar e áudios gravados na própria escola, ampliam o alcance sem depender de conexão estável. Para estudantes público da educação especial, materiais multiformato, orientações em Libras, pranchas de comunicação e ampliações garantem acesso ao conteúdo, sempre com adaptações claras no plano de aula.

A avaliação precisa acompanhar a aprendizagem, não apenas rotular. Rubricas objetivas, devolutivas breves e revisão imediata de erros ajudam a consolidar o que foi estudado. Registrar presença semanal, fluência de leitura e taxa de acerto cria um painel claro para agir rápido. A escola compartilha esses dados com famílias em encontros curtos e combina planos de estudo em linguagem acessível. Quando faltas se acumulam, a equipe aciona a busca ativa, conversa com responsáveis e ajusta horários para não perder o fio.

Parcerias com saúde e assistência social complementam o cuidado quando a vida extrapola os muros da escola.

A gestão costura as condições para que tudo isso aconteça. Planejamento colaborativo quinzenal, observação entre pares com foco em práticas específicas e formação em serviço mantém o time alinhado. Cuidar de quem cuida também importa: horários protegidos, divisão justa de tarefas e apoio emocional reduzem o desgaste docente. Com merenda de qualidade, transporte seguro e material disponível na sala, a escola remove obstáculos básicos. Quando rotinas ganham corpo e dados orientam as decisões, o estudante encontra previsibilidade, aprende o básico com segurança e amplia repertórios com confiança ao longo do ano.

5 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Compreender a escola como parte viva da comunidade amplia o campo de ação e cria pontes com a vida do bairro. Quando o planejamento didático se abre para o território, ruas, praças e equipamentos públicos viram extensões da sala. Feiras de ciência na praça, rodas de leitura no posto de saúde, mutirões de cuidado aos sábados e oficinas com lideranças locais aproximam famílias, estudantes e serviços. O currículo ganha materialidade, o que se aprende conversa com necessidades reais e o estudo deixa de parecer algo distante. Nessa dinâmica, os jovens percebem utilidade no que fazem, fortalecem autonomia e renovam o desejo de permanecer aprendendo, com laços mais firmes com docentes e colegas (Cruz, 2017).

Para que esse papel floresça, a escola precisa superar uma visão compartimentada de ensino e assumir sua potência de mobilizar transformações na vida coletiva. Trazer para o centro temas como desigualdade, direitos humanos e cidadania alarga horizontes formativos e desenvolve habilidades de argumentação, escuta e reflexão. O professor atua como mediador de diálogos que cruzam conteúdo e experiência, transformando dúvidas, conflitos e curiosidades em perguntas de estudo. Essa escolha metodológica abre espaço para autoria estudantil, dá sentido ao conhecimento escolar e sustenta projetos que devolvem respostas

concretas à comunidade, com aprendizagem que permanece e inspira novas iniciativas (Freire, 2018).

A articulação com outras políticas é passo decisivo para que a escola não caminhe sozinha. Participar de fóruns com assistência social e saúde ajuda a mapear demandas, organizar fluxos de encaminhamento e planejar ações conjuntas. Equipes gestoras e docentes passam a dispor de um quadro claro do que requer cuidado imediato e do que pode ser prevenido, como violência doméstica, insegurança alimentar e falta de documentação. Parcerias bem desenhadas formam uma rede de proteção que garante portas de entrada e de acompanhamento, reconhecendo a escola como ponto de apoio, orientação e oportunidade com presença concreta no cotidiano das famílias e dos estudantes (Rizzini, 2019).

Valorizar conhecimentos produzidos na própria comunidade e as culturas locais é outro eixo de transformação. Ao reconhecer saberes populares como legítimos, a escola se afasta de posturas elitistas e integra diferentes visões de mundo ao currículo. Narrativas, ofícios, festas e memórias do território entram como fonte de estudo, sem silenciar identidades. Estudantes passam a se ver representados e ouvidos, o que fortalece pertencimento. A partilha entre gerações estimula solidariedade, preserva a memória coletiva e cria referências positivas para enfrentar desafios do presente, enquanto inspira projetos de futuro conectados ao lugar onde vivem e aos seus planos de vida digna (Gregori, 2000).

Nesse quadro, a instituição se projeta como plataforma de cidadania e reflexão crítica. Ao articular ensino com trabalho comunitário e com outras frentes sociais, a escola amplia sua força de transformação e se torna referência de acolhimento, produção de conhecimento e promoção de valores que ultrapassam seus muros. Iniciativas como assembleias estudantis, conselhos de classe participativos e projetos de intervenção no bairro dão voz aos jovens e produzem efeitos visíveis em participação, presença e engajamento com o estudo. Ganha corpo uma cultura de corresponsabilidade pelo bem comum, na qual aprender está ligado a cuidar da vida coletiva e a construir caminhos de justiça social no território (Freire, 2018).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos mostram um quadro recorrente: quando pobreza, moradia instável, insegurança alimentar, racismo e violência territorial se cruzam, a escola registra quedas de presença, cansaço persistente e menos tempo útil de estudo. Isso se liga a atraso em leitura, dificuldade em resolver problemas de matemática e risco maior de interrupções na trajetória. A composição social das escolas pesa no desempenho médio não por menor potencial dos estudantes, mas pelo acúmulo de privações e pela oferta irregular de recursos de ensino e infraestrutura. Onde faltam transporte estável, merenda adequada e rotina previsível, a oscilação de aprendizagem aumenta (Ribeiro, 2023).

As experiências com melhor resposta combinaram acolhimento diário, busca ativa de faltosos, tutoria por pares, aulas curtas com objetivos claros, prática guiada e avaliação formativa com devolutivas breves. Metas semanais de leitura fluente e de resolução de problemas, registradas em planilhas simples, tornaram o progresso visível para estudantes e famílias. Em paralelo, planejamento colaborativo, observação entre pares e formação em serviço deram suporte ao trabalho docente. Projetos que conectam currículo ao território, como feiras de ciência na praça e rodas de leitura em unidades de saúde, elevaram engajamento e presença, sobretudo quando somados a transporte seguro e merenda de qualidade (Artes, 2025).



Tabela 1. Compreensão da Aprendizagem em Contextos de Vulnerabilidade (continua)

Autor(es)	Ano	Tema/Objeto de Estudo	Contribuição Principal	Relação com a Pesquisa
Ayres et al.	2003	Conceito de vulnerabilidade e práticas de saúde	Amplia o conceito de vulnerabilidade, incluindo dimensões estruturais e institucionais.	Fundamenta a compreensão da vulnerabilidade social no contexto educacional.
Campos, Dinah Martins de Souza	1979	Psicologia da aprendizagem	Defende que a aprendizagem envolve fatores físicos, mentais e emocionais interdependentes.	Base teórica para os impactos emocionais da vulnerabilidade na aprendizagem.
Cruz, P. J. S. C.	2017	Extensão popular e o papel social da universidade	Destaca a importância da extensão universitária na inclusão social.	Indica como a participação comunitária pode mitigar desafios da vulnerabilidade social.
Ferreira & Marturano	2002	Ambiente familiar e problemas de comportamento	Evidencia o impacto do ambiente familiar no comportamento e desempenho escolar.	Demonstra a necessidade de estratégias pedagógicas envolvendo a família.
Fonseca, V.	1995	Dificuldades de aprendizagem	Aponta a necessidade de metodologias flexíveis para dificuldades de aprendizagem.	Reforça a importância de abordagens pedagógicas adaptativas para alunos em risco social.
Freire, Paulo	2018	Pedagogia crítica e libertadora	Propõe um ensino centrado na realidade do aluno e na autonomia do aprendiz.	Sustenta a necessidade de um ensino crítico e inclusivo para combater a exclusão.
Gregori, M. F.	2000	Experiências de crianças e adolescentes em situação de rua	Analisa a exclusão social e seus impactos na trajetória educacional.	Evidencia a relação entre vulnerabilidade social e evasão escolar.
Lakatos & Marconi	2003	Fundamentos de metodologia científica	Oferece embasamento metodológico para pesquisas acadêmicas.	Contribui para a estruturação metodológica da pesquisa.
Prati, Couto & Koller	2009	Famílias em vulnerabilidade social	Explora a relação entre vulnerabilidade social e intervenção terapêutica.	Demonstra como a relação entre vulnerabilidade e família afeta o desempenho escolar.



Tabela 1. Compreensão da Aprendizagem em Contextos de Vulnerabilidade (conclusão)

Autor(es)	Ano	Tema/Objeto de Estudo	Contribuição Principal	Relação com a Pesquisa
Rapoport & Sarmento	2009	Aprendizagem infantil na perspectiva vygotskiana	Destaca a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo.	Aponta que o suporte social e escolar influencia o aprendizado de crianças vulneráveis.
Rizzini, I.	2019	Crianças e adolescentes em conexão com a rua	Propõe políticas públicas para crianças em situação de vulnerabilidade.	Reforça a necessidade de ações intersetoriais para reduzir o impacto da vulnerabilidade.
Simões, E. D. F.	2020	Dificuldades de aprendizagem e vulnerabilidade social	Relaciona dificuldades de aprendizagem ao contexto de exclusão social.	Sustenta a correlação entre dificuldades escolares e fatores socioeconômicos.
Sopelsa, Ortelina	2000	Dificuldades de aprendizagem e metodologias inovadoras	Propõe metodologias inovadoras como os ateliês pedagógicos.	Apresenta soluções pedagógicas para superar desafios no ensino de estudantes vulneráveis.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

Os achados apontam que a combinação entre acolhimento na chegada, metas curtas e comunicação frequente com famílias sustenta a presença e reata o vínculo com a escola. Quando a equipe liga no mesmo dia para faltas, explica o que foi perdido e oferece uma forma simples de repor, a chance de retorno na semana seguinte cresce. A cada reunião, compartilhar indicadores claros como páginas lidas e exercícios concluídos ajuda a família a entender onde pode apoiar. Esse ciclo reduz a sensação de atraso acumulado e mantém o estudante em movimento constante de aprendizagem (Ribeiro, 2023).

Entre as práticas de sala, a tutoria por pares apareceu como impulso constante de leitura e de resolução de problemas. Em duplas, estudantes alternam papéis de leitor e ouvinte, marcam palavras difíceis, retomam trechos e discutem o sentido do texto. Em matemática, pequenos grupos enfrentam listas curtas, com desafios graduais e tempo cronometrado de prática. O professor circula com roteiro de observação e devolutivas rápidas.

Metas semanais registradas em planilhas simples tornam o progresso visível e geram conversas produtivas nas devolutivas individuais e nos encontros com responsáveis (Artes, 2025).

A organização da aula em estações favorece o foco e tempo útil de treino. Uma estação acolhe leitura, outra escrita, outra problemas, outra apoio individual. O rodízio cria previsibilidade e diminui dispersão. Para cada estação, há rubrica objetiva que descreve o que é esperado naquele dia, o que facilita a autocorreção e revisão imediata. Essa estrutura reduz ruído em turmas grandes e permite que a coordenação acompanhe o que de fato se estudou, com base em evidências simples de tarefa realizada e entendimento demonstrado na própria aula (Soares, 2023).

Projetos que ligam currículo ao território ampliam engajamento e sentido do estudo. Investigações sobre qualidade da água do bairro, mapeamento de trajetos seguros até a escola, histórias de trabalhadores locais, feiras culturais e rodas de leitura em unidades de saúde conectam conteúdo a experiências reais. O estudante enxerga utilidade e passa a usar leitura, escrita e cálculo para resolver perguntas que importam na vida cotidiana. Essa integração gera participação maior, reduz faltas em dias de projeto e fortalece a autoestima acadêmica do grupo (Gomes, 2024).

A inclusão do público da educação especial ganha força quando o planejamento prevê acessibilidade desde o início. Materiais em múltiplos formatos, orientações em Libras, pranchas de comunicação, ampliações e organização do espaço com sinalização visual fazem diferença concreta. Metas ajustadas e avaliação formativa permitem acompanhar cada avanço e corrigir rota sem criar rótulos. A presença do atendimento educacional especializado como parceiro do professor regente reduz barreiras e amplia o acesso ao conteúdo comum da turma com adaptação clara e transparente (Medeiros, 2024).

A gestão que cuida do tempo de trabalho do docente sustenta a continuidade das mudanças. Planejamento colaborativo quinzenal, observação entre pares com foco em uma

prática por vez e devolutivas curtas em linguagem direta dão clareza sobre o que manter e o que ajustar. Uma pauta simples, centrada em evidências de aprendizagem e em relatos de sala, ajuda a escola a aprender com suas próprias experiências. Quando esse processo vira rotina, o conjunto de práticas deixa de depender de esforços individuais e passa a fazer parte da cultura da equipe (Menezes, 2023).

A avaliação formativa apareceu como fio condutor. Rubricas com poucos critérios, correção imediata de erros frequentes e tempo de revisão na própria aula consolidam o estudo. Em leitura, medir fluência por minuto e compreensão em perguntas curtas cria base para metas realistas. Em matemática, registrar taxa de acerto por tipo de problema orienta a escolha de próximas atividades. Ao cruzar esses dados com presença semanal, a escola identifica quem precisa de reforço, quem pede desafio extra e quem precisa de busca ativa com urgência (Braga, 2023).

Há ganhos quando a escola articula ensino com políticas de proteção social. Parcerias com saúde e assistência social facilitam encaminhamentos para alimentação regular, atualização de documentos, cuidado em saúde mental e proteção contra violências. Essa rede diminui a pressão sobre a sala e libera energia para aprender. A escola se posiciona como ponto de apoio que orienta famílias sobre onde buscar ajuda e acompanha se o serviço chegou. Quando o estudante encontra suporte fora da aula, volta com mais condições de manter a rotina de estudo (Carreira, 2025).

Infraestrutura e logística completam o quadro. Transporte pontual, merenda de qualidade e materiais disponíveis na sala evitam perdas de tempo e de energia. Programas de educação profissional que acolhem adolescentes em vulnerabilidade, com foco em aprender e trabalhar de maneira protegida, mostram impacto em presença e permanência. Onde a escola abre caminhos para qualificação e renda futura, a motivação cresce e o abandono cai. O resultado é um espaço que integra cuidado, conhecimento e projeto de vida de forma prática e mensurável ao longo do ano letivo (Ennes, 2025).

Por fim, a função social da escola se reafirma quando o conhecimento circula para fora dos muros. Mostras de projeto, cartas à comunidade, podcasts escolares, painéis em praças e visitas técnicas divulgam o que foi estudado e recolhem novas perguntas do território. Essa devolutiva pública reforça o sentido do estudo, dá protagonismo aos estudantes e alimenta a roda de planejamento pedagógico com temas reais. A escola se torna referência de encontro, produção e partilha de saber, o que fortalece permanência e aprendizagem com base em metas claras e rotinas sustentáveis (Caffagni, 2024).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados reunidos indicam que aprender com regularidade exige mais do que oferta de vaga. Exige condições concretas para que crianças e jovens consigam frequentar, focar e avançar. Quando a escola assume a vulnerabilidade social como dado de partida e não como exceção, o planejamento muda. A rotina passa a incluir acolhimento diário, metas claras e acompanhamento simples, o que reduz incertezas e aproxima estudantes e famílias. O conhecimento deixa de ficar preso ao livro e se conecta ao território, ganhando utilidade prática. Esse movimento reforça pertencimento e dá sentido ao esforço de estudar todos os dias.

As estratégias pedagógicas que se mostraram mais promissoras têm três eixos. Primeiro, foco no essencial da alfabetização e da matemática, com prática guiada e metas semanais verificáveis. Segundo, organização da sala em estações e uso de tutoria por pares para ampliar tempo útil de estudo, inclusive em turmas grandes. Terceiro, avaliação formativa com devolutivas breves e revisão imediata dos erros mais frequentes, o que estabiliza avanços. Quando essas rotinas ganham previsibilidade, a aula deixa menos brechas para dispersão e transforma minutos ociosos em treino com propósito. O estudante enxerga progresso em medidas simples e isso alimenta motivação.

A gestão escolar cumpre papel decisivo para que essas práticas não dependam de heróis individuais. Pautas quinzenais de planejamento colaborativo, observação entre pares e

acompanhamento por evidências colocam o time na mesma direção. Indicadores enxutos como presença semanal, fluência de leitura e taxa de acerto orientam decisões de alocação de tempo e de apoio. Em paralelo, parcerias com saúde e assistência social ajudam a resolver questões que estouram fora da sala, como insegurança alimentar, violência doméstica e acesso a documentos. Transporte pontual e merenda de qualidade não são detalhes. São peças que sustentam a permanência.

A inclusão do público da educação especial precisa estar prevista desde o início do planejamento. Materiais em múltiplos formatos, sinalização acessível, orientações em Libras, pranchas de comunicação e ampliações garantem entrada no conteúdo comum. Metas ajustadas e acompanhamento contínuo evitam rótulos e elevam a participação. Formação em serviço, com foco em práticas observáveis, favorece mudança duradoura. Quando a cultura da escola valoriza o erro como parte da aprendizagem e protege horários para estudo docente, o clima melhora e o estudante sente que há uma rede de apoio ao seu redor.

Este estudo trabalhou com literatura recente e fontes públicas. Isso traz limites, como a diversidade de desenhos metodológicos e a variação de contextos entre redes e territórios. Mesmo assim, emergem pistas concretas para ação imediata: metas curtas, práticas estáveis, dados simples e conexão com o bairro. Os próximos passos incluem testar combinações de estratégias em diferentes anos de escolaridade e medir custo e efeito em janelas trimestrais. A direção é clara. Uma escola que acolhe, acompanha e ensina de forma consistente diminui interrupções, amplia repertórios e sustenta trajetórias de vida que não se quebram diante das pressões do cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, M. S. A influência das atitudes dos estudantes em condições socioeconômicas adversas sobre a aprendizagem de Matemática. **Bolema**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/65DHLZxmj3Jp3BMYyKHCCcG/>.



ARTES, A. Percepção de professoras e professores do ensino fundamental II sobre desinteresse e permanência escolar no pós-pandemia. **Educação e Pesquisa**, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ghW5G9kP85CXbM5JPZgh7Ch/>.

BARBOSA, A. L. A. Impactos na aprendizagem de estudantes da educação básica no contexto da Covid-19: revisão. **CoDAS**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codasa/dx3cPQjhMH4kWm4yB3yrtgp/>.

BOFF, A. P. Educação especial na perspectiva inclusiva: uma revisão. **Educação & Realidade**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/PSzsBQhDNrRkQNkStgSsGbQ/.1>

BRAGA, D. S. Escolas invisibilizadas: desigualdades nas condições de funcionamento e seus efeitos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/KtVKDkVMLtvCBsv5g9krrwC/>.

CAFFAGNI, C. W. A. **Qual a função social da escola? Reflexões de nuances contemporâneas.** **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/CGxSk5mzHLNFYSFC7zrzWTn/>.

CARREIRA, D. Impactos da Covid-19 na educação de jovens e adultos: síntese de achados (2020–2023). **Cadernos de Pesquisa**, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/RHTyvBQRjgNyHGqktHrwNzP/>.

ENNES, L. D. Manutenção da educação profissionalizante: estratégias de uma instituição pública direcionada ao adolescente em vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/c6QFckMp4LDK5GJd7qdQLgc/?lang=pt>.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

FONSECA, V. **Introdução as dificuldades de Aprendizagem.** 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOMES, R. F. D. A educação em um contexto de vulnerabilidade social. **Serviço Social & Educação**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/sWbkPrXVzG7NdxZ9YzBPbCQ/>.

GREGORI, M. F. **Viração: experiências de meninos na rua.** São Paulo: Companhia das

letras, 2000.

LESSA, S. E. C. O Novo Ensino Médio: repercussões educativas e para o trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, 2025. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/nc8syJt7tYprPsQMCZgzZrN/>.

MEDEIROS, R. T. Gestão escolar e inclusão dos estudantes público da educação especial: práticas de gestão. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 2024. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/yHH4DCkHf3tT97GGsNpHH8b/>.

MENEZES, V. M. O. A reprodução das desigualdades educacionais: a participação municipal no Saeb 2022. **Cadernos de Pesquisa**, 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/vkj6qxyvqqZPrwFrdKZ6bL/>.

PRATI, Laíssa Eschiletti; COUTO, Maria Clara P. de P.; KOLLER; Sílvia Helena. **Famílias em Vulnerabilidade Social: Rastreamento de Termos Utilizados por Terapeutas de Família**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Porto Alegre, v.25, n.3, p. 403-408, mar. 2009.

RAPOPORT, Andrea; SARMENTO, Dirléia Fanfa. Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva Vygotskiana. In RAPOPORT, Andrea et al (orgs.). **A Criança de seis anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RIBEIRO, Vanda Mendes; KASMIRSKI, Paula Reis; AYED, Choukri Ben. Equidade educacional e vulnerabilidade social nos territórios: os casos das redes municipais do ceará e de fortaleza. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 49, p. 1-30, dez. 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634202349260580por>.

RIZZINI, I. **Crianças e adolescentes em conexão com a rua: pesquisas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2019.

SIMÕES, E. D. F. (2020). **As dificuldades de aprendizagem e a vulnerabilidade social / Learning difficulties and social vulnerability**. Brazilian Journal of Development, 6(1), 3037–3046. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n1-220>

SOPELSA, Ortelina. **Dificuldades de Aprendizagem: respostas em um atelier pedagógico**. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.